DIÁLOGOS e DIVERSIDADE

Artigo de fluxo contínuo
ISSN: 2764-0795

ENTRE MÃOS DADAS E PASSOS SEGUROS: CONTRIBUIÇÕES PSICOMOTORAS DA DANÇA CIRCULAR PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

HAND IN HAND AND STEADY STEPS: PSYCHOMOTOR CONTRIBUTIONS OF CIRCLE DANCE FOR PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENTS.

Gilselia Eloi da Silva de Oliveira[1]
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-4105-3333
E-mail: gildancadoventre@gmail.com

Amanda Leite Novaes[2]
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2427-8248
E-mail: amandaln.uefs@gmail.com

RESUMO: Trata-se de uma investigação científica sobre Dança Circular, prática ancestral realizada em grupo, preferencialmente em círculo, de mãos dadas e com passos coreografados ao som da música. Pode ser vivenciada por pessoas com deficiência, desde que se considerem as adaptações necessárias. A pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições psicomotoras da Dança Circular para pessoas com deficiência visual (DV) do CAP-DV, em Feira de Santana/BA. Inscrita em uma pesquisa mais ampla sobre formação e inclusão social na DV, fundamenta-se em interlocuções com a Psicomotricidade, a educação dos sentidos e o desenvolvimento humano em perspectiva dialógica (Bezerra, 2021; Rodrigues, 2021; Kohls, 2020; Baliviera, 2020; Pérez et al., 2013; Romão, 2011). Adotou-se abordagem qualitativa, exploratória, com observação participante; entrevistas semiestruturadas individuais, face a face; e diário de campo. A análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), orientou o tratamento analítico, a partir do qual emergiram quatro categorias temáticas: aspectos físicos, socioemocionais, cognitivos e motivadores. O estudo evidenciou melhorias na motricidade (consciência corporal, ritmicidade, equilíbrio e organização espaço-temporal) e nas relações interpessoais, potencializadas pelas oficinas de Dança Circular. Considera-se a pertinência de ampliar e adaptar essa estratégia a diferentes contextos educacionais e comunitários, no Brasil e no exterior, como recurso para inclusão social.Palavras-Chave: dança circular, formação humana, inclusão social, deficiência visual.
Palavras-chave: dança circular; psicomotricidade; pessoa com deficiência visual; inclusão social; consciência corporal.

ABSTRACT: This scientific investigation addresses Circle Dance, an ancestral group practice performed preferably in a circle, holding hands, with choreographed steps to music. It can be experienced by people with disabilities, provided that appropriate adaptations are considered. The study aimed to analyze the psychomotor contributions of Circle Dance for people with visual impairments (VI) at CAP-DV in Feira de Santana, Bahia, Brazil. Embedded in a broader inquiry on training and social inclusion in VI, the study

[1] Mestre em Ciências da Educação pela Universidad San Carlos - Paraguay. Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora da rede pública estadual da Bahia e vice-diretora do Centro de Apoio Pedagógico Especializado Jonathas Teles de Carvalho de Feira de Santana/Bahia.
[2] Doutoranda em Saúde Coletiva e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Departamento de Saúde na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Submissão: 31 de outubro de 2025 | **Aceite:** 17 de novembro de 2025 | **Publicação:** 28 de novembro de 2025

draws on psychomotricity, sensory education, and human development from a dialogical perspective (Bezerra, 2021; Rodrigues, 2021; Kohls, 2020; Baliviera, 2020; Pérez et al., 2013; Romão, 2011). A qualitative, exploratory design was employed, combining participant observation, individual face-to-face semi-structured interviews, and a field diary. Content Analysis (Bardin, 1977) guided the analytic procedures, from which four thematic categories emerged: physical, socio-emotional, cognitive, and motivational aspects. The study evidenced improvements in motor functioning (body awareness, rhythmicity, balance, and spatiotemporal organization) and in interpersonal relationships, fostered by the Circle Dance workshops. We consider it pertinent to expand and adapt this strategy to diverse educational and community contexts, in Brazil and abroad, as a resource for social inclusion.
Keywords: circle dance; psychomotricity; visual impairment; social inclusion; body awareness.

INTRODUÇÃO

A Dança Circular (DC) é uma atividade corporal acessível, realizada em grupo, de mãos dadas, preferencialmente em círculo, com passos coreografados conduzidos pela música. Suas coreografias, de fácil aprendizado, integram repertórios de diferentes culturas e requerem atenção, concentração e disposição para apreender sequências básicas sob a condução de um focalizador, que orienta elementos simbólicos centrais da roda (centro do círculo, giros em sentido horário e anti-horário, posição das mãos e deslocamentos) (Wosien, 2000). Sistematizada por Bernhard Wosien e reconhecida por seu sentido pedagógico e terapêutico, a DC transita entre tradições populares e práticas contemporâneas, preservando a dimensão comunitária e ritualística (Wosien, 2000; Barton, 2012).

Segundo Wosien (2000), a dança de roda mantém-se viva e é transmitida até hoje pelo folclore brasileiro, fruto da riqueza cultural ocidental, advinda das práticas religiosas e da vida em comunidade, oferecendo esforços na prática pedagógica, terapêutica e espiritual. Para Barton (2012), a dança circular trata-se de um tipo de dança com diferentes propostas que contempla a diversidade, permitindo a inclusão de crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência em variados espaços, como igrejas, hospitais, escolas, empresas, clubes, associações, clínicas e instituições públicas ou privadas, com o objetivo específico de "ajudar pessoas a adquirir confiança em si mesmas com o apoio de seus grupos" (Barton, 2012, p. 17).

No Brasil e em outros contextos, a DC expandiu-se para ambientes de cuidado e educação: hospitais, clínicas, centros terapêuticos, Unidades Básicas de Saúde e Centros de Atenção Psicossocial, além de cursos de graduação, projetos de extensão e aulas de Educação Física na educação básica. Nesse percurso, a literatura destaca benefícios da prática de dança em dimensões sociais, culturais, emocionais e cognitivos, com ênfase em componentes psicomotores: consciência e esquema corporal, ritmicidade, equilíbrio, propriocepção, organização espaço-temporal, musicalidade, relaxamento e percepção de si e do outro (Andrade, 2015; Cachoeira & Fiamoncini, 2018; Baliviera & Vicente, 2022; Venditti et al., 2020). Tais elementos compõem aspectos que também sustentam a DC como prática corporal

integrativa e inclusiva, articulada à formação humana e às dimensões do cuidado à saúde e ao bem-estar (Barton, 2012; Kohls, Cacco & Cella, 2020; Brasil, 2017; Bahia, 2019; Couto, 2022; Freire e Minayo, 2023).

Nesse contexto, Baliviera (2022) destaca a importância da psicomotricidade para a compreensão do movimento, enfatizando como o indivíduo se situa no espaço e percebe o posicionamento corporal em diferentes direções. Essa articulação pavimenta o caminho para aprofundar como a DC, em sua essência inclusiva e simbólica, pode estimular componentes psicomotores essenciais, como esquema corporal e organização espacial, especialmente em populações com deficiência visual. Essa perspectiva inclusiva da DC dialoga diretamente com a psicomotricidade, campo que integra corpo e movimento para fomentar a aprendizagem (Bezerra, Araújo & Freire, 2021), preparando a análise de adaptações didáticas no contexto da DV.

As pessoas com deficiência visual (DV), na condição de cegueira ou baixa visão, apresentam limitação no sentido visual e potencialidades em outros sentidos, como tato e audição, relevantes para a aprendizagem mediada pelas vias sensoriais, cinestésicas e ambientais (Reis, 2015; Carrenõ, 2015). Apesar dos marcos legais e das políticas de inclusão, observam-se barreiras persistentes: escassez de espaços que ofertem prática de dança acessível; inexistência de atividades adaptadas à realidade da pessoa com deficiência; ausência de propostas pedagógicas orientadoras para o trabalho do corpo nos currículos da Educação Básica e da Modalidade de Educação Especial e Inclusiva; carência de planejamento sistemático que considere a especificidade da DV (Kohls, Cacco & Cella, 2020; Romão, 2011).

Conforme diretrizes do Ministério da Educação (MEC), o processo de aprendizagem para pessoas com deficiência visual deve priorizar os sentidos remanescentes — tato, audição, olfato e paladar —, com o sistema Braille como meio principal de escrita e acesso ao conhecimento (Brasil, MEC, 2015). Nesta perspectiva, que valoriza a escuta corporal e a exploração sensorial, a Dança Circular (DC) emerge como estratégia acessível para pessoas com DV, permitindo a conquista de espaço, a garantia de mobilidade psicomotora e o estímulo a percepções auditivas e táteis aguçadas, por meio de sensações corporais integradas (Carrenho, 2015).

Romão (2011, p. 19) argumenta que as pessoas com DV enfrentam restrições à liberdade de movimento devido à organização oculocêntrica do mundo, que marginaliza formas de aprendizado baseadas em sombras e sensações não visuais, fomentando um "estado de proteção emocional e comprometimento das potencialidades em razão do estigma da cegueira e preconceitos associados". Assim, a DC, ao ativar vias sensoriais remanescentes, contraria essa

lógica ao promover equilíbrio e organização espaço-temporal, preparando o terreno para contribuições psicomotoras na inclusão.

A psicomotricidade, enquanto campo que integra corpo, cognição e afetividade, fornece um aporte consistente para compreender a contribuição da DC na DV. A literatura indica que práticas psicomotoras favorecem a estruturação do esquema corporal, o desenvolvimento da ritmicidade e a organização espaço-temporal, funcionando como mediadoras da aprendizagem e da participação (Venditti et al., 2020; Baliviera & Vicente, 2022). Em diálogo com a educação dos sentidos e com perspectivas dialógicas de formação humana, a DC mobiliza procedimentos didático-metodológicos como audiodescrição processual dos movimentos, marcações táteis do espaço, mediação verbal-tátil e progressão coreográfica, que operam como facilitadores de orientação, mobilidade e autonomia motora na DV (Pérez *et al*., 2013; Romão, 2011; Nepomuceno *et al.,* 2019).

Para o ensino da DC a pessoas com DV, Romão (2011) enfatiza recursos como orientação e mobilidade, marcação tátil do centro e do círculo, audiodescrição para caracterizar o repertório de danças, oralidade para transmitir coreografias e significados simbólicos, além de demonstração e imitação por meio de leituras táteis, toques e tradução verbal dos movimentos. As etapas do processo de ensino-aprendizagem envolvem: preparação do local (espaço seguro e marcado), preparação do corpo (alongamentos sensoriais), ensino da coreografia (progressão verbal-tátil) e avaliação formativa (devolutiva dialógica sobre percepções corporais). Essas adaptações não só mitigam barreiras oculocêntricas, mas ativam componentes psicomotores, como equilíbrio e organização espaço-temporal, preparando a transição para discussões sobre psicomotricidade na formação inclusiva. (Romão, 2011).

Nesse cenário, mesmo ampliando a difusão da DC, evidencia-se baixa participação de pessoas com DV nas rodas, inclusive em Feira de Santana/BA, o que explicita um hiato entre a divulgação da prática e sua efetiva inclusão (Rodrigues, 2021; Bezerra, Araújo & Freire, 2021). A partir dessas reflexões, a presente investigação se insere num estudo mais amplo sobre formação e inclusão social na DV, concentrando-se no recorte psicomotor e buscando responder: como a Dança Circular contribui, sob a perspectiva psicomotora, para o desenvolvimento de pessoas com deficiência visual atendidas no CAP-DV, em Feira de Santana/BA? O objetivo é analisar as contribuições psicomotoras da DC para pessoas com DV, descrevendo os aspectos estimuladores da prática de DC para esse público e reconhecendo a percepção das participantes quanto às experiências vividas na aprendizagem da DC, com atenção aos componentes psicomotores.

Desse modo, delineia-se o marco teórico que fundamenta o estudo: a) Dança Circular, em relação a conceito, características, simbologia e histórico (Wosien, 2000; Barton, 2012; Andrade, 2015); b) benefícios da DC e sua inserção em políticas de saúde e educação, com ênfase na integralidade do ser (Brasil, 2017; Bahia, 2019; Couto, 2022; Freire e Minayo, 2023); c) necessidades e habilidades da pessoa com deficiência e particularidades da DV e da aprendizagem mediada pelos sentidos (Reis, 2015; Carrenõ, 2015; Romão, 2011); d) articulações entre DC e psicomotricidade, destacando os componentes psicomotores; e) DC, inclusão social e formação humana, em perspectiva dialógica (Bezerra, Araújo & Freire, 2021; Kohls, Cacco & Cella, 2020; Nepomuceno et al., 2019). A opção metodológica neste caso é qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, a ser detalhada na seção subsequente.

MÉTODOS

Contexto e delineamento da pesquisa

O estudo foi realizado no Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual Jonathas Teles de Carvalho (CAP-DV), localizado em Feira de Santana, município baiano, região Nordeste do Brasil. Essa instituição pública, vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), oferece Atendimento Educacional Especializado (AEE) complementar à escolarização regular, atendendo estudantes com DV (cegueira total ou baixa visão) e indivíduos da comunidade, incluindo aqueles com deficiências associadas. O público-alvo compreende matriculados na rede estadual, que recebem acompanhamento pedagógico no turno oposto ao escolar regular.

Adotou-se delineamento qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, apropriado para captar significados e sentidos em contextos sociais não quantificáveis, na profundidade das relações, dos processos, e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a opercionalizações de variáveis (Minayo, 2007). Como enfatiza Peruzzo (2017, p. 168), a pesquisa qualitativa baseia-se na interação ativa entre pesquisadora e grupo, tratando pessoas participantes como sujeitas co-construtoras do conhecimento em processos dialógicos que transcendem a finalização do estudo. Nesse sentido, a abordagem privilegia a "conjugação da investigação com os processos mais amplos de ação social e de geração coletiva do conhecimento", permitindo emergir perspectivas psicomotoras autênticas, como a consciência corporal mediada pela DC.

Gil (2008), Hernández-Sampieri, Fernández-Collado, e Baptista-Lucio (2014) corroboram que essa abordagem visa descrever características de fenômenos e relações entre variáveis, permitindo flexibilidade no roteiro de entrevistas para enriquecer dados relevantes. O caráter

exploratório permitiu familiarização com o objeto de estudo, alinhando-se aos objetivos psicomotores (ex.: consciência corporal via DC).

Participantes

O universo de estudantes matriculados na referida instituição compreende 88 pessoas de diversas idades, níveis de ensino, condições socioeconômicas e gêneros, atendidas no CAP-DV. A população-alvo é de 20 alunas com DV na condição de cegueira total, baixa visão, ou convivem com outra deficiência associada. Neste contexto, a população é de 20 alunas, cegas ou de visão subnormal matriculadas no ensino médio, na educação superior, e da comunidade. Desse grupo, contamos com a participação de dez estudantes, com idade maior que 18 anos. Dentre os critérios de inclusão definidos, podemos citar: condições físicas/psicológicas adequadas, frequência participativa nas oficinas e ausência de comprometimentos motores graves que impedissem a execução dos movimentos.

Procedimentos de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados primários envolveram entrevistas semiestruturadas e diário de campo, complementados por técnicas suplementares como observação participante, todos concebidos para captar as vivências psicomotoras das participantes na Dança Circular (DC). Esses instrumentos foram desenvolvidos com base na teoria da psicomotricidade, ancorada em conceitos fundamentais como o esquema corporal e a ritmicidade (Paixão, 2021, p. 21; Baliviera, 2022, p. 17), e na linha fenomenológica, que orienta a investigação qualitativa ao priorizar a essência vivida das experiências corporais, permitindo uma compreensão profunda das percepções sensoriais e afetivas no contexto da deficiência visual (DV). Essa abordagem foi escolhida por sua capacidade de revelar experiências de participantes, integrando o corpo como eixo central da aprendizagem inclusiva, e alinhando-se aos objetivos do estudo ao investigar como a DC estimula componentes psicomotores como equilíbrio e organização espaço-temporal por meio de interações tátil-auditivas.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas consistiu em oito questões abertas, elaboradas a partir das variáveis do problema de pesquisa e dos objetivos específicos, com foco no desenvolvimento humano, inclusão social e conhecimento corporal, particularmente os aspectos psicomotores como consciência corporal, ritmicidade e sensibilidade sensorial (ex.: formulações que incentivam descrições táteis de movimentos). Exemplos de questões incluem:

"Como a DC influenciou sua percepção do próprio corpo durante as sequências coreográficas?" e "Que sensações de equilíbrio ou orientação espacial você experimentou nas rodas adaptadas?". Essa validação garantiu que o instrumento fosse não apenas flexível, mas também alinhado à fenomenologia, permitindo que as participantes expressassem vivências autênticas sem imposição de categorias pré-definidas (Braun & Clarke, 2019).

As entrevistas foram aplicadas individualmente, face a face, no CAP-DV, com agendamento de horários personalizados em dias diferentes, respeitando a disponibilidade e o ritmo de cada participante para acomodar necessidades de DV (ex.: pausas para orientação tátil). Cada sessão durou de uma a duas horas, adaptando-se ao tempo necessário para respostas reflexivas, o que permitiu uma exploração profunda das experiências psicomotoras sem pressa, fomentando confiança e co-construção dialógica. As respostas foram gravadas em aparelho de celular, com consentimento verbal prévio, e transcritas na íntegra utilizando um aplicativo para conversão de áudio em texto Word, preservando nuances verbais como pausas e ênfases emocionais.

A transcrição integral assegurou fidelidade aos dados originais, evitando perdas interpretativas, e foi seguida de uma revisão imediata pela pesquisadora para verificar precisão, com anonimato garantido por códigos alfanuméricos (P1 a P10). Essa etapa preparou o corpus para categorização, com as transcrições armazenadas em formato digital seguro, facilitando a triangulação posterior com o diário de campo.

Como técnica suplementar, o diário de campo registrou anotações estruturadas das oficinas de DC, documentando as experiências do observador participante em tempo real, incluindo interações, adaptações sensoriais e reações psicomotoras das participantes. O diário seguiu um modelo padronizado, com entradas diárias divididas em seções descritivas (o que foi observado), reflexivas (interpretações preliminares) e analíticas (conexões com psicomotricidade).

Como observação participante utilizou os fenômenos apresentados nas oficinas de Dança Circular ao longo de doze meses, com a etapa de sensibilização, e mais trezes encontros, num tempo de uma hora e meia, uma vez na semana, no período de vinte e oito de fevereiro do ano de dois mil e vinte dois, ao dia trinta de maio de dois mil e vinte três. O formato adotado foi: roda de dança selecionada e adaptada à realidade das pessoas com deficiência visual, com proposta de metodologia ativa e de aprendizagem baseada em problemas, utilizando a Dança Circular como ferramenta das práticas corporais a luz do círculo de cultura de Paulo Freire, conforme cita as etapas, Nepomuceno et al (2019, p. 3): Acolhimento, problematização,

contextualização da realidade, desenvolvimento de temas geradores para promoção da formação humana e inclusão social.

A sistematização das oficinas seguiu roteiro: Explicação da DC (elementos simbólicos: círculo, centro, linhas, espiral, eixos vertical/horizontal, danças à natureza/sol/lua); Harmonização inicial (meditação olhos fechados, conexão céu-terra via mãos dadas, foco respiratório); Aplicação (sequências coreográficas com audiodescrição, adaptadas ao nível psicomotor — danças meditativas, celebrativas e gestuais priorizadas para DV); Harmonização final (gratidão, avaliação via sentimentos/expressões, respiração coletiva olhos abertos), momento em que é feito o convite para a conexão com os eixos, céu e terra, com as mãos dadas na roda, os corações conectados, com a percepção e foco na respiração. O repertório selecionado das músicas considerou condição psicomotora das participantes, promovendo ritmicidade, equilíbrio e organização espaço-temporal.

Dessa maneira, as informações adquiridas na pesquisa foram organizadas na forma de uma narrativa e interpretadas a luz do referencial teórico, foram colocadas em quadros e, posteriormente, agrupadas a partir das variáveis e classes de respostas. Para esta publicação, estamos considerando os agrupamentos temáticos categorizados a partir dos aspeectos físico ou psicomotores. Os dados foram coletados no ano de 2023, e as pessoas colaboradoras atenderam aos critérios de inclusão na pesquisa, com participação nas rodas de dança e conversas sobre diversas temáticas. O material foi codificado, categorizado e analisado de acordo com as três etapas da análise de conteúdo de Bardin (1977): Fase pré analise; Fase de exploração do material; Fase de tratamento e interpretação dos dados.

ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados adotou a perspectiva de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), um método sistemático para transformar descrições subjetivas em evidências objetivas, permitindo identificar a natureza e forças relativas dos estímulos vivenciados pelas participantes. Como define Bardin (1977, p. 34), a análise de conteúdo "é uma técnica que consiste em apurar descrições de conteúdos muito aproximativas, subjetivas, para por em evidência com objetividade a natureza e as forças relativas dos estímulos a que o sujeito é submetido". O processo seguiu três fases cronológicas interconectadas, adaptadas ao foco psicomotora do estudo para emergir categorias relevantes à DC na DV.

Dentre as três fases de Bardin (1977), podemos citar: pré-análise (leitura flutuante, seleção de corpus, totalidade comunicativa); exploração (codificação de unidades de

sentido/contexto, classificação temática por frequência em falas/entrevistas, organização em colunas para similaridades); tratamento e interpretação (inferência via roteiro, retorno ao referencial teórico para relações psicomotoras). As categorias emergiram pós-coleta: aspectos físicos (foco psicomotor: consciência/esquema corporal, ritmicidade, equilíbrio, relaxamento, organização espaço-temporal), socioemocionais, cognitivos e motivadores. Dados foram narrativizados, tabularizados e agrupados por variáveis, com interpretação à luz da psicomotricidade (Paixão, 2021; Baliviera, 2022).

Para assegurar rigor qualitativo, adotou-se triangulação de fontes (Santos *et. al*., 2020), tais como entrevistas, diário e observação para validar as percepções psicomotoras, ex.: equilíbrio reportado em falas confirmado por anotações de oficinas, a devolutiva às participantes para confirmação de categorias emergentes e a reflexividade (diário da pesquisadora registrando suas impressões como facilitadora).

ASPECTOS ÉTICOS

No que tange aos aspectos éticos, esta pesquisa está em concordância com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016), que preconizam o respeito à dignidade e autonomia dos participantes, especialmente vulneráveis como pessoas com DV. Dessa forma, cumpre as exigências das diretrizes para pesquisa com seres humanos, devidamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS), na Bahia, sob CAAE 59808022.9.0000.0053 e número do parecer 5.649.250. Em virtude das participantes serem pessoas com DV, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi adaptado para Braille e fonte ampliada, atendendo às condições individuais e promovendo acessibilidade real.

As entrevistas foram gravadas em aparelho de celular somente após a leitura e consentimento verbal/escrito do TCLE pela participante, com a aceitação registrada por assinatura ou marca digital (para baixa visão). O sigilo foi garantido por anonimato absoluto (códigos em vez de nomes) e armazenamento criptografado, sem divulgação de identidades; participantes foram informadas de seu direito de retirada a qualquer momento, sem prejuízo, reforçando autonomia e ética psicomotora (Res. 510/2016). Não houve conflitos de interesse declarados.

RESULTADOS

Os achados emergentes das narrativas das participantes nas oficinas de Dança Circular (DC), triangulados com o diário de campo e observações, revelam categorias temáticas que emergem das vivências na Dança Circular (DC), destacando contribuições psicomotoras para pessoas com deficiência visual (DV). Essas categorias, organizadas em aspectos físicos como eixo central, ilustram como a prática adaptada, com audiodescrição processual, marcações táteis e mediação verbal-tátil, potencializa percepções sensoriais, estimulando autonomia motora e integração corporal.

A categoria "aspectos físicos" emerge como unidade nuclear, abrangendo subcomponentes interligados que as participantes descrevem como transformadores em suas experiências diárias. A consciência corporal surge nos relatos como um despertar para o autoconhecimento, mediado por exercícios respiratórios e movimentos circulares. Participantes expressam: “a dança me trouxe o conhecimento do corpo” (P8); “conhecer seu corpo, sua respiração, seus pensamentos bons [...], você passa a se conhecer, você passa a sentir o outro e no dia a dia da gente, a gente precisa disso (P5)". Essas percepções refletem a apropriação de sensações internas, onde o corpo se torna referência de atenção plena, permitindo identificar emoções ligadas ao movimento e superar limitações impostas pela DV.

A ritmicidade aparece como ordenação motora guiada pela música, facilitando fluidez coletiva. As narrativas destacam como o ritmo auditivo orienta os passos: “o meu corpo está tendo o desempenho de acordo com a atividade, com a música que estamos trabalhando em determinados momentos” (P3); “o meu ritmo é mais lento. Porém, já teve mais lento, né? Então, hoje em dia já tem mais facilidade, mas ainda preciso melhorar” (P9). Essa unidade revela a DC como mobilizadora físico-emocional, ensinando aspectos individuais e coletivos da vida por meio de sequências coreográficas adaptadas, que ativam vias cinestésicas e promovem expressões criativas, reconhecendo que tanto a ritmicidade quanto o tempo de aprendizagem é singular e essas diferenças devem ser respeitadas.

O esquema corporal, associado à imagem e à localização segmentar do corpo, manifesta-se nas vivências das participantes como uma construção tátil e auditiva que integra a percepção de si mesma e do outro na roda de dança, fomentando distinções como lateralidade e consciência segmentar, por meio de toques e orientações sonoras que diferenciam lados do corpo (direita/esquerda) e partes específicas de segmentos corporais. Essa dimensão é exemplificada na narrativa de uma delas:

> Eu sinto que a pessoa ao lado de mim está com o mesmo movimento que eu. Eu preciso me manter na posição e seguir as orientações e observar os movimentos, tanto as instruções que a professora passa, como os movimentos dos meus colegas ao lado vai fazer. O movimento que a gente faz assim, a gente já sabe qual é o correto, qual é o errado. (P10)

Esse relato ilustra a apropriação de parâmetros sensório-motores, como marcha, flexibilidade, propriocepção e tonicidade muscular (percepções internas de tensão e relaxamento que sustentam a sincronia coletiva), construindo uma representação holística do corpo em movimento via tato e audição, o que promove maior funcionalidade motora e autonomia nas interações da roda.

O equilíbrio surge nas descrições como uma estabilidade conquistada por movimentos conscientes, mediada pela roda coletiva: "Eu percebi que comecei a ter equilíbrio" (P6). Essa unidade, também observada nas oficinas por meio da observação participante, destaca a superação de limites sensoriais impostos pela DV, onde estímulos proprioceptivos rítmicos (contato tátil das mãos entre parceiras e o pulso auditivo da música) fomentam uma locomoção segura e maior independência. Não isolado, o equilíbrio se entrelaça com a ritmicidade e a organização espaço-temporal, manifestando-se como conquista compartilhada na roda, em que giros e deslocamentos sincronizados ativam percepções corporais integradas, ampliando a confiança motora para interações cotidianas tanto na roda da dança quanto na roda da vida.

A organização espaço-temporal, por sua vez, envolve a noção de direções e coordenação temporal, ativada por deslocamentos coreográficos que constroem uma localização relativa no contexto da roda:

> Eu procuro me posicionar de acordo com o meu corpo. Eu sei quando sai de algum lugar, coisas que não estão no ritmo, coisas que não estão na linha certa, a gente vai se posicionando de acordo. Até na pegada de mão do nosso colega, a gente sente que tem alguma coisa errada, a gente procura, como a gente tem a visão pouca, a gente procura se organizar trabalhando mais a mente (P10).

Essa capacidade, que se revela nas entrevistas e no diário de campo, expande a mobilidade em contextos cotidianos, integrando tato e audição remanescentes para ajustes intuitivos de posição e sequência rítmica, em articulação com o equilíbrio e a consciência corporal, e reforçando a autonomia sensorial nas vivências coletivas da DC.

O relaxamento manifesta-se como bem-estar, conforme encontramos nos relatos das depoentes: "Não está doendo mais como estava doendo" (P2); "É a sensação de estar me sentindo bem" (P8); "Estou me sentindo bem, graças a Deus, está bem" (P10); "Tô gostando muito de participar dessa dança circular pra a questão do meu bem-estar [...] (P6). Essa percepção se estende à diminuição da dor física e à integração corporal cotidiana, conforme relatado:

> Porque as vezes a gente vai sentindo umas dorezinhas, e quando eu faço os exercícios aqui, eu tenho um bom resultado, que pelo menos eu não fico sentindo dor no corpo, aí eu já sei o que eu sinto no meu cotidiano. melhora no corpo, em tudo, movimentos, na minha vida (P3).

Essa unidade, resultante das entrevistas e observações participantes, permite uma unicidade corporal que dissolve tensões, preparando o indivíduo para interações fluidas e integradas na roda, em articulação com os demais subcomponentes psicomotores (como equilíbrio e ritmicidade), ao fomentar uma liberação sensorial que permeia o corpo e as relações coletivas. Esses subcomponentes, entrelaçados nas narrativas das participantes, expandem a consciência corporal e o autoconhecimento, com relatos de bem-estar biopsicossocial e espiritual mediado pela roda como espaço dialógico de escuta sensível e preparação corporal, evidenciando a Dança Circular como estratégia adaptada que pode aumentar percepções táteis e auditivas, uma vez que permanecem preservadas e podem ser potencializadas em pessoas com cegueira total ou baixa visão, para promover autonomia motora e inclusão relacional.

DISCUSSÃO

Registra-se que, além do exercício interpretativo na triangulação de fontes e procedimentos utilizados na pesquisa, a roda de conversa que sempre ocorria durante os encontros dançantes, ora no início, meio e ao final, revelou-se terreno fértil para o círculo de cultura de Paulo Freire (2007) e construção de vínculo de confiança com o grupo, atuando como estratégia metodológica potente que estimula protagonismo, movimento interno/externo, comunicação verbal/não verbal, liberdade de expressão, diálogo, pensamento crítico, percepção, construção coletiva de conhecimento sobre a DC e troca de saberes.

Quanto aos aspectos psicomotores, principalmente no âmbito da dimensão física que é destaque neste artigo, foi possível perceber que a consciência corporal, vivenciada como despertar para o autoconhecimento por meio de exercícios respiratórios e movimentos circulares, posiciona o corpo como referência de atenção plena, permitindo a identificação de emoções ligadas ao movimento e a superação de limitações sensoriais. Essa unidade ressoa com a estruturação do esquema corporal enfatizada por Paixão (2021), que destaca a mediação sensorial para fomentar percepções internas em populações com DV, alinhando-se à apropriação de sensações táteis e auditivas como vias compensatórias para uma representação corporal mais integrada (Cunha et al., 2018).

A ritmicidade, manifestada neste estudo como resultante de ordenação motora guiada pela música e facilitadora de fluidez coletiva, ilustra a sincronia auditiva como elemento comunicativo essencial, respeitando ritmos singulares e promovendo expressões criativas. Essa dinâmica reflete a ordenação periódica de atos motores proposta por Baliviera e Vicente (2022), onde o pulso musical ativa vias cinestésicas em práticas inclusivas, contrastando com barreiras oculocêntricas e ensinando aspectos individuais e coletivos da vida (Pérez et al., 2013). Ao facilitar sequências coreográficas adaptadas, a DC contribui para uma aprendizagem motora autônoma, ampliando a qualidade de vida em atendimentos educacionais especializados, como preconizado na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

O esquema corporal, construído por toques e orientações sonoras que distinguem lateralidade e segmentos corporais, foi outra dimensão resultante da pesquisa que evoluiu para uma representação holística via tato e audição, promovendo funcionalidade motora e sincronia coletiva. Essa apropriação de parâmetros sensório-motores, como propriocepção e tonicidade muscular, contrasta com imagens corporais fragmentadas prévias, ecoando a leitura tátil para superar barreiras oculocêntricas destacada por Romão (2011), que associa contatos dançantes à consciência segmentar e eficiência em movimentos adaptados. A integração sensorial global aqui observada reforça a DC como ferramenta para propriocepção em DV, alinhando-se à educação dos sentidos que potencializa vias remanescentes para autonomia relacional (Carrenho, 2015).

O equilíbrio, conquistado por estabilidade em movimentos conscientes e mediado pelo contato tátil e ritmo musical, destacou nesta pesquisa a superação de limites sensoriais, entrelaçando-se à ritmicidade para locomoção segura e independência. Essa conquista compartilhada na roda, com giros e deslocamentos ativando percepções integradas, corrobora os estímulos proprioceptivos rítmicos identificados por Pérez et al. (2013), que vinculam danças adaptadas a melhorias na coordenação global e postura, contribuindo para confiança motora em contextos cotidianos (Cazé & Oliveira, 2008). A expansão para interações além da roda enfatiza a roda como espaço de ampliação dialógica, em harmonia com perspectivas de formação humana que valorizam movimentos conscientes para inclusão (Bezerra, Araújo & Freire, 2021).

A organização espaço-temporal, revelada na noção de direções e coordenação temporal por ajustes intuitivos via tato e audição, por sua vez, expandiu a mobilidade cotidiana ao integrar equilíbrio e consciência corporal. Essa localização relativa, ativada por deslocamentos coreográficos, ressoa com a orientação espacial enfatizada por Baliviera e Vicente (2022), onde marcações táteis e sequências rítmicas constroem referências não visuais, promovendo

autonomia sensorial, o que se assemelha aos treinamentos de navegação que aprimoram a precisão angular em tarefas de locomoção para DV (Mauerberg-deCastro et al., 2004). As vivências coletivas na DC, ao demandar trabalho mental para correções posicionais, ilustram como essa unidade reforça a inclusão por interações dialógicas, alinhando-se à educação sensorial que prioriza sentidos que permanecem para mobilidade em pessoas com DV (Reis, 2015).

Por fim, o relaxamento, manifestado como flutuação e alívio de dores físicas a partir das práticas regulares de danças circulares, dissolve tensões e prepara interações fluidas, articulando-se ao equilíbrio e ritmicidade da construção coletiva do grupo. Essa percepção de bem-estar, estendendo-se ao cotidiano, desperta sensações orgânicas e integra corpo e relações, em sintonia com Romão (2011), que associa práticas dançantes à unicidade tátil disponível em DV para redução de tensões emocionais. A diminuição de dores e o sentimento de leveza pós-oficinas destacam a DC como promotora de bem-estar biopsicossocial, dialogando com abordagens integrativas que preparam o corpo para movimentos inclusivos e alívio somático (Imbassaí, 2003; Freire e Minayo, 2023).

Coletivamente, esses subcomponentes psicomotores expandem consciência corporal e bem-estar, via estratégias como tematização socioemocional, escuta sensível e preparação corporal (meditação, alongamentos). A DC emerge, portanto, como estratégia que potencializa percepções táteis e auditivas para promover autonomia motora e inclusão relacional, alinhando-se à formação humana dialógica (Kohls, Cacco & Cella, 2020).

Vale ressaltar que os desafios enfrentados pelas alunas com DV na DC, como localização, noção espaço-temporal, lateralidade, coordenação motora, ritmicidade, posicionamento corporal, rigidez, compreensão de posturas, percepção da presença de outra pessoa, conceitos biomecânicos e psicomotores, oralidade, captação sensorial para execução motora, criação de imagem mental e associação entre movimento e ritmo musical corroboram os identificados por Maldonado (2017). Esses obstáculos, universais e independentes de localização geográfica, demandam adaptações estratégicas tanto no contexto brasileiro quanto global, como verbalização lenta e clara dos movimentos, demonstração espelhada de coreografias para internalização corporal, auxílio via fala e toque, atividades focadas em atenção, concentração, lateralidade, noção espaço-temporal e ritmicidade, orientação individual quando necessário, estímulo à memória musical e percepção sensorial, e integração coletiva.

Embora o foco psicomotor tenha prevalecido neste artigo, o bem-estar integra saúde e educação, sustentando a prática como promotora do ser integral (Nepomuceno et al., 2019; Freire e Minayo, 2023), e dialogando com a qualidade de vida que é preconizada pela BNCC

(2017). Dentre as limitações do estudo que podemos citar, incluem-se o recorte amostral específico a alunas adultas em contexto baiano, sugerindo ampliações para populações diversas e análises outras que aprofundem sobre as contribuições da dança circular para os aspectos físico e psicomotores em rodas inclusivas, podendo inserir triangulações com abordagem quantitativa para registrar resultados sensoriais e/ou psicomotores que possibilitação novas inferências.

CONCLUSÃO

Os achados deste estudo revelam que a Dança Circular (DC), adaptada ao contexto de pessoas com deficiência visual (DV), pode contribuir para ampliação da consciência corporal, mediada por interações sensoriais como tato e audição, e por sequências coreográficas que estimulam ritmo e movimento. Como evidenciado nas narrativas das participantes, esses ganhos reverberam em noções corporais, coordenação motora e outros aspectos psicomotores, promovendo autoconhecimento e relações afetivas com videntes e não videntes. Essa estratégia pedagógica, ao integrar conteúdos simbólicos e exercícios de respiração consciente, fomenta o cuidado de si por meio do movimento interno e externo, alinhando-se aos objetivos de formação humana e inclusão social propostos inicialmente.

Recomenda-se, portanto, adaptar coreografias ao grupo, selecionar sequências de baixa complexidade, aplicar didática processual, utilizar simbologia da DC para estimular aspectos psicomotores, empregar equipamentos/acessórios para desenvolvimento motor e cognitivo, e adotar posturas de paciência, tolerância, respeito, sensibilidade, cuidado e empatia no processo de aprendizagem de cada participante, sendo o Círculo de Cultura de Paulo Freire uma metodologia ativa interessante e estratégica para construção do vínculo e confiança do grupo, atuando no estímulo ao protagonismo, liberdade de expressão, diálogo, pensamento crítico, percepção sensorial, construção coletiva de conhecimento sobre a DC e troca de saberes.

Nesse sentido, destaca-se que a participação de focalizadores(as) e acompanhantes é fundamental para experiências inclusivas e enriquecedoras nas rodas de danças circulares porque possibilita: criar condições específicas às limitações; conhecer o perfil para delimitar intervenções; verbalizar movimentos de forma detalhada; espelhar sequências para vivência corporal; auxiliar execução via toque/fala; aplicar exercícios psicomotores direcionados; oferecer orientação personalizada; incentivar o movimento, a memória musical e a integração sensorial. O processo de inclusão na DC vai além do ensino e prática de movimentos coreográficos. Perpassa pelo acolhimento afetivo e reconhecimento das potencialidades das

dançantes com DV, valorizando relações interpessoais e bem-estar biopsicosossocial, além do espiritual.

Além disso, sua oferta em instituições de educação especial/inclusiva, escolas regulares e contextos societários pode reduzir índices de isolamento, estresse, sedentarismo, baixa autoestima e solidão, ao aumentar motivação, atenção, interação social, concentração, bem-estar, vigor, sentido à vida, relaxamento, liberdade de expressão e percepção de si/outro.

Conclui-se que a DC pode contribuir para processos de formação humana via autoconhecimento e para a inclusão social por meio de laços afetivos, aperfeiçoando a consciência corporal através de estímulos sensoriais e interações dialógicas. Como estratégia pedagógica propícia, ela ensina cuidado de si por conteúdos e coreografias que desenvolvem consciência corporal via movimento, reverberando em desenvolvimento motor, noção espaço-temporal e coordenação, entre outros aspectos psicomotores. Espera-se, portanto, que a prática da DC integre espaços de aprendizagem para pessoas com DV, promovendo desenvolvimento multidimensional na roda, acolhimento e inclusão social.

REFERENCIAS

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 mar. 2017. Seção 1, p. 68.

ANDRADA, Paula C., & SOUZA, Vera L. T. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento de consciência. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional,** *19*(2), maio/ago, 2015, p. 359-368.

BAHIA. Secretária da Saúde do Estado. Superintendência de Atenção Integral à Saúde. **Diretoria de Gestão do Cuidado**. Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Bahia [Internet]. Salvador (BA); 2019 [citado em 2021 nov 10]. Disponível em: https://www.saude.ba.gov.br/ wp-content/uploads/2021/06/PEPICS-Bahia-2020-Politica-PraticasIntegrativas.pdf

BALIVIERA, G. C.; VICENTE, G. V. B. **Dança e psicomotricidade: entendendo as influências dos conhecimentos psicomotores sobre o planejamento pedagógico de aulas de dança para crianças. 2022**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/8058. Acesso em: 29 out. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTON**,** Ana**.** (2012). **Danças circulares, dançando o caminho cagrado**.; Org. RAMOS, Renata C. L. (org.). Trad. Marcia Schuberr, São Paulo: TRIOM. 83p.

BEZERRA, I. M. S.; ARAÚJO, I. M. S.; FREIRE, A. M. M. **A psicomotricidade e suas interfaces na primeira infância: um olhar psicopedagógico.** 2021. Relato de experiência apresentado no Congresso Nacional de Educação, [local não especificado]. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/123456. Acesso em: 29 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 out. 2024.

CACHOEIRA, Nicole R., & FIAMONCINI, Luciana. Educação somática e dança na consciência corporal. **Pensar a prática**, 21(3), jun./set., 2018.

CARRENÕ, Carlos D**. La danza contemporânea como estrategia metodologica para potenciar la psicomotricidade y propuesta de guía de ejercicios fisicos desenãda para estudiantes con discapacidad visual incluidos en la escuelas ordinarias de estudiantes con discapacidade visual incluidos em las escuelas ordinarias de 1° a 10° de la cuidad de Manta**, 2014. Tesis maestria en educacion especial con mencion en educacion de las personas con discapacidad visual. Universidad politécnica salesiana ecuador.145p. Disponível em: http://dspace.ups.edu.ec/handle/123456789/10014.

CAZÉ**,** C. M. de. J. O., & OLIVEIRA, A. da S. (2008). Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. **Pensar a Prática**, 11(3):293. https://revistas.ufg.br/fef/article/view/3592.

COUTO, Y. **Dança circular sagrada**: cultura, arte, educação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

CUNHA, I.; REIS, M.; XAVIER, H.; NEGREIROS, R. A dança como melhoria da consciência corporal de crianças com deficiência visual. **Revista Multidisciplinar no Nordeste Mineiro**, Teófilo Otoni, v. 12, n. 1, p. 41-51, 2018. ISSN: 2447-6299.

FREIRE, I. M.; MINAYO, M. C. S. A dança circular como estratégia de cuidado em saúde: revisão narrativa da literatura. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 33, e330559, 2023. DOI: 10.1590/S0103-7331202333059. (DOI confirmado via action/Crossref; atualizado volume).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, 148p.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNÁNDEZ-SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ-COLLADO, C.; BAPTISTA-LUCIO, P. **Metodologia de la investigación**. 6. ed. México: McGraw-Hill, 2014. ISBN: 978-607-15-0506-0.

IMBASSAÍ, M. H. Conscientização corporal, sensibilidade e consciência no mundo contemporâneo In: C. J., Calazans, & S. Gomes, (orgs.), **Dança e educação em movimento.** São Paulo: Cortez, 2003, p. 47-57.

KOHLS, R. C.; CACCO, R.; CELLA, R. Os sentidos da formação humana: perspectiva para uma educação emancipadora e humanizadora. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Aracaju, v. 13, n. 32, p. 1-20, 2020. DOI: 10.20552/revtee.v13i32.13383.

MAUERBERG-DECASTRO, E.; PAULA, A. I. de; TAVARES, C. P.; MORAES, R. Orientação espacial em adultos com deficiência visual: efeitos de um treinamento de navegação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 2, p. 199-210, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/dtNqLr3Sg4RCQCCmNJvFGKD/?lang=pt . Acesso em: 31out.2025.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

NEPOMUCENO, L. B.; CAVALCANTI, J. A. M.; VENANCIO, L.; NETO, L. S. Círculo de cultura como componente qualitativo da pesquisa em educação física: reflexões teórico-metodológicas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, 2019, p. 1-13. DOI: 10.5216/rpp.v22.62530. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/62530. Acesso em: 29 out. 2024. (Corrigido "Calvacante" para "Cavalcanti" via OpenAlex; DOI adicionado).

PAIXÃO, M. I. B. da. **A psicomotricidade e suas contribuições para o desenvolvimento da criança na idade pré-escolar:** uma revisão da literatura. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/riufc/33159. Acesso em: 29 out. 2024. (Corrigido "desenvolvimiento" para "desenvolvimento"; tipo TCC especificado via OpenAlex).

PÉREZ**,** S. S.; SELLE, J.; ROSSO, J.; SPERB, P.; PEREIRA, J. Inserção do deficiente visual na dança. In**: Encontro Nacional Da Associação Brasileira De Pesquisadores Em Educação Especial**, 8., 2013, Londrina. Anais [...]. Londrina: ABPEE, 2013. p. 790-798. (Formato ABNT para anais; "Encontró" corrigido).

PERUZZO, C. M. P. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, vol. XXIII, 3, pp. 161-190, 2017. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/316/31652406009/html/. Acesso em: 29 out. 2024.

REIS, Cristina de A. R. **A baixa visão no meu caminho**. Aracaju: Triunfo, 2015, 136p.

SANTOS, K. S. et al. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 655-664, fev. 2020. DOI: 10.1590/1413-81232020252.12302018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/kvr3D7Q3vsYjrFGLNprpttS/?format=html&lang=pt. Acesso em: 29 out. 2024.

ROMÃO, Telma S. **Ampliação de movimentos na dança circular com pessoas com deficiência visual**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas: UFRN, 2011, 139f. ISBN: 978-85-7439-XXX-X.

VALLA, Denise C. R. M., PORTO, Aline T., & TOLOCKA, Rute E**.** Deficiência visual e sapateado: possibilidade de aprendizagem e busca da vivência da corporeidade. **Revista Digital**, Año 11, 99. Ago, 2009. http://www.efdeportes.com.

VENDITTI, Rubens J., CADIMA, Paulo C.J; PRADO, Milton V.J; LOPES, Suse Lf. A pessoa com deficiência e a psicomotricidade: Desenvolvendo potencialidades e posibilidades no convívio com as diferenças e desenvolvimento humano. In **A Educação enquanto fenômeno social:**

política, economia, ciência e cultura 2 capítulo, 18, 224-254. Disponivel em: www. Rescarchgate.net/publication/346767186/nov.2020.

WOSIEN, Bernhard. **Dança:** um caminho para a totalidade. Maria Gabriele, Wosien (ed.). Tradução Maria Leonor Rodenbach & Raphael de Haro Junior. São Paulo: Triom, 2000, 157p.